

POR UM ESTUDO LEXICOGRÁFICO DA *POÉTICA* DE HORÁCIO

LÚCIA SÁ REBELLO
(UFRGS/BRASIL)

0. Introdução

A busca da identificação de alguns problemas específicos envolvidos no ato tradutório leva-nos a trilhar diferentes caminhos, quer no âmbito da Literatura Comparada, quer na observação dos fenômenos lingüísticos que decorrem da tentativa de expressar, no idioma-alvo (doravante, IA), as informações gramaticalmente marcadas no idioma-fonte (doravante IF). Com relação ao latim como IF, ainda são incipientes os resultados encontrados diante de alguns dos problemas naturalmente decorrentes da arte de traduzir autores latinos.

Obviamente, a problemática em torno da tradução da língua latina abarca inúmeras reflexões que não poderíamos exaurir em um único trabalho. Nesse sentido, este trabalho constitui-se num estudo de caso. Objetiva-se demonstrar que a tradução de *Ars Poetica*, para a Língua Portuguesa, apresenta alguns problemas oriundos do fato de os tradutores portugueses tentarem recriar, no IA, unidades léxicas equivalentes às suas contrapartes latinas.

Este trabalho discute, em especial, o caso de alguns adjetivos nas duas traduções de *Ars Poetica* para a Língua Portuguesa, Português Brasileiro (doravante PB) e Português Europeu (doravante PE), respectivamente. No que se refere ao PB, referência específica será feita à tradução de Bruna (1981), a qual será, daqui em diante, referida como IA1. No que tange ao PE, estudaremos a tradução de Fernandes (1984), que será referida como IA2.

As reflexões que ora expomos correspondem às peculiaridades que cada uma das traduções examinadas apresentam em relação ao IF, tal como: a não-uniformidade na escolha de adjetivos modificadores de substantivos que, em nossa análise, por hipótese, decorre do fato de que os tradutores priorizaram

antes exigências culturais inerentes das IAs do que as próprias características do IF, o latim.

1. A Poética Comparada e a Lexicografia: o diálogo necessário

Não se pode começar a falar em Poética Comparada, sem citar, em primeiro lugar, Etiemble. Toda a reflexão sobre o assunto parte, inevitavelmente, das posições assumidas por ele em 1963 no seu livro *Comparaison n'est pas raison* (ETIEMBLE, 1963) no qual, no último capítulo, intitulado "Objetos, Métodos e Programas", aborda mais especificamente o problema da poética comparada.

O seu ponto de partida - retomado por todos os autores que abordam essa temática - é a questão da unidade entre a investigação histórica e a reflexão crítica ou estética, que conduziria a literatura comparada a uma poética comparada. Assim, em lugar de defini-la (a literatura comparada) a partir de princípios metafísicos - são suas palavras -, a teríamos claramente explicitada por meio de pesquisas, não extensivas mas exaustivas, que abrangeriam, entre outras, a evolução histórica dos gêneros e, também, a natureza e estrutura das formas imaginárias de cada gênero em diferentes civilizações.

Para Etiemble, ninguém pode impor o seu próprio ponto de vista. Isso não impede, no entanto, que se tente constituir um sistema de invariantes que auxiliaria a literatura contemporânea a sair do caos em que se encontra. Tomando como parâmetro a poesia e o romance modernos, diz que o estudo comparativo da estrutura das obras (pertencentes a civilizações que tenham ou não relações históricas) levaria talvez à descoberta da *conditio sine qua non* da própria obra. Em uma época de rejeição total de qualquer norma estética e de imposição de regras incompatíveis com a arte, um estudo comparativo de literaturas, mesmo que essas literaturas não tenham de nenhuma forma pontos em comum, serviria de base para a restauração da arte contemporânea.

Levando em conta as diferentes raças e comunidades pensantes, o Autor afirma que o comparativista tem que deixar de lado "les 'préoccupations habituelles' de esprits incultes et conformistes" (ETIEMBLE, 1963:107), e abrir seu horizonte de pesquisas, orientando seus discípulos não só para as novas questões que surgem hoje como também para aquelas que surgirão no futuro. O importante seria, segundo ele, centralizar o ensino de literatura comparada e propor aos estudiosos da área um determinado número de temas que poderiam ser tratados em diversos países, dependendo de suas áreas de pesquisa e das questões que lhes despertassem interesse particular. Mais especificamente, a sua proposta é que em todos lugares onde a literatura comparada fosse ensinada houvesse, por parte de uma associação verdadeiramente internacional, a indicação de assuntos de interesse geral, que, sendo tratados em locais diversos, pudessem, ao final, mostrar a todos que "chaque littérature doit quelque chose à

toutes les littératures, et cela précisément qu'elles se doivent mutuellement" (ETIEMBLE, 1963:104).¹

Isso demonstra, do ponto de vista de Etiemble, não ser ele o único na Europa a julgar os métodos e concepções da literatura comparada, nem o único a apostar na estilística e na retórica, pois, segundo Willoughby, nos últimos anos, houve uma reação na crítica literária que a levou a reconhecer que todo o estudo da literatura deve partir do próprio texto, considerando-se que os antigos métodos da retórica, da poética e da métrica clássicas foram retomados e renovados e que o centro das pesquisas em literatura comparada são, mais que o conteúdo, o idioma e o estilo.

Para Etiemble (1963:114), o importante é "qu'on étudie les genres dans toutes les littératures, qu'elles aient ou non des rapports de fait". A substituição das relações de fato (*rappports de fait*) pelas relações de valor (*rappports de valeurs*) marca uma transição essencial nos estudos comparados: as relações de contato já não são essenciais, o interesse do pesquisador centra-se na própria trajetória dos gêneros e como eles se inserem numa tradição, transformando-a.

Outra abordagem interessante é a de Marino que, no capítulo "Une poétique comparatiste" de sua obra *Comparatisme et Théorie de la Littérature* (MARINO, 1988), afirma que a regeneração do comparativismo não exige somente uma nova orientação, mas, sobretudo, uma mudança radical no sentido teórico e poético. Do seu ponto de vista, a crise da literatura comparada começa a partir de sua definição e de sua própria terminologia. Assim, se os termos "comparativismo" e/ou "literatura comparada" estão em crise e, ao mesmo tempo, não existe para essa disciplina nenhuma definição aceitável, ele pergunta, e essa é a sua proposta, por que não reformular *le mot et la chose* (Marino, 1988, p.12)².

Para solucionar esse problema é necessário que haja, pelo menos, duas mudanças essenciais³. A primeira diz respeito ao objeto da crítica, isto é, à totalidade da obra (estrutura, significação, valor) que não pode ser apreendida senão através das referências de ordem histórica - abrangendo a história literária - e das referências teóricas, em função de conceitos tais como estilo, correntes, etc - abrangendo a teoria literária. É a soma desses procedimentos que autorizam e orientam o julgamento crítico, já que a primazia do historicismo é abandonada. A segunda mudança é a identificação do comparativismo com o ato crítico anteriormente definido. A aparelhagem conceitual de uma operação comparativista é a mesma da teoria literária. Assim, um julgamento de valor elaborado sobre essas bases será, nos seus fundamentos, o mesmo de qualquer valorização literária.

É a partir dessas colocações que Marino chega à conclusão que, mesmo resolvendo-se a crise do comparativismo, resta-nos a elaboração de um estatuto aceitável para uma poética comparada, tendo em vista que um comparativismo autônomo deve proclamar a sua independência e oferecer as suas soluções

específicas, derrubando a relação subalterna de dissolver-se no interior do ato crítico ou de dissolver-se no interior da estética ou da teoria literária. Verifica-se, então, a necessidade de uma nova postura, isto é, “passez des rapports de fait (particuliers) aux rapports structuraux (universels), de l'unique au générique, et convertir l'ensemble de ces donnés dans une synthèse théorique et méthodologique cohérente” (MARINO, 1988:22).

A elaboração dessa poética comparativista não implica a substituição do teórico da literatura, nem, ao mesmo tempo, a anulação das teorias e métodos existentes. A tarefa do comparativista é mais modesta. Trata-se apenas de criar alternativas, hipóteses de trabalho, ou seja, uma teoria e um método próprios, cujo papel será apenas de confrontação e de complementaridade.

Uma área que o comparativismo, desde o início, já menciona, mas que não foi devidamente explorada, é a confrontação das teorias, das idéias, dos conceitos literários, ou seja, das poéticas. O que há, atualmente, são estudos de relações bilaterais, de relações de fatos entre teorias, onde o historicismo domina. Quando os comparativistas levam a termo esse tipo de estudo, tem-se, normalmente, duas perspectivas: a primeira, leva em conta o ponto de vista internacional, mas a comparação das teorias não resulta em uma teoria única, apenas propõem-se a verificar o grau de validade, por épocas e zonas, das teorias comparadas; a segunda, pesquisa as convergências e divergências das teorias literárias em função de um certo número de indícios como tradição, inovações, forma, significação, etc, sendo esta, para Marino, a mais audaciosa, já que o resultado proporcionaria uma definição possível da literatura em função de pressupostos e parâmetros bem definidos e metodicamente verificados.

Como vimos, teóricos da Literatura Comparada sugerem um método que pressuponha, inicialmente, o caráter intertextual da investigação, assim como o recorte do *corpus* a ser investigado. A vivência com a literatura latina permite que se olhe retrospectivamente essa evolução e que se leia as literaturas mais recentes nos procedimentos de alteração das poéticas clássicas. A experiência com um autor como Horácio e a especificidade de suas Epístolas⁴ possibilitam uma indagação que se prolonga em autores modernos.

No caso de uma investigação sobre a tradução comparada da Poética, o trabalho em questão partirá da aplicação de um método flexível, que deverá levar em conta e, principalmente, integrar metodologias já existentes, sem perder de vista o caráter eminentemente literário da investigação.

No que tange à limitações deste estudo, é preciso esclarecer que, escolher uma entre as categorias lexicais nucleares, é sempre fazer um recorte; no entanto, este é um trabalho preliminar que deverá resultar em uma pesquisa mais aprofundada. Além disso, o método escolhido não exaure as possibilidades de se examinar o nosso objeto, tendo em vista que o ato de traduzir não é uma atividade apenas mecânica da relação da unidade léxica com o sentido constante

nos dicionários. Antes disso, é entrar em um universo permeado por relações que se inter cruzam, se interpenetram e que, às vezes, geram um novo texto. Sendo assim, busca-se a identificação de parâmetros que possam contribuir para as definições de unidades léxicas que possam expressar as especificidades do texto poético.

2. As traduções portuguesas de *Ars Poetica*: o caso dos adjetivos

Este estudo centrar-se-á exclusivamente na classe dos adjetivos que agem como modificadores de substantivos. Nesse sentido, os aspectos básicos que concorrem para a classificação de uma unidade léxica como um adjetivo (doravante ADJ) é o fato de que tais unidades atuam semanticamente na modificação de nomes⁵.

A hipótese que norteia a análise está centrada no fato de que, aparentemente, a tradução para IA1 prioriza os adjuntos adnominais, enquanto membros de sintagmas nominais, mantendo o significado denotado constante no verbete, e a tradução para IA2 segue um critério estritamente sintático em relação ao predicado em que o adjetivo está inserido.

2.1 Os dados

Foram escolhidos 10 substantivos com seus respectivos modificadores a partir dos IAs para a análise. A coleta de dados ocorreu nos versos 1-140 de *Ars Poetica*, tendo em vista o caráter ainda experimental deste estudo.

QUADRO 1 - SUBSTANTIVOS E MODIFICADORES

01. SUBST. PEIXE

IF - v. 3 - ..., ut turpiter atrum

v. 4 - desinat in **piscem** mulier formosa superne,

IA1(PB) - (...) acabasse num **hediondo peixe preto** (...)

IA2(PE) - (...) de forma a que terminasse em **torpe e negro peixe**

02. SUBST. MULHER

IF - v. 3 - ..., ut turpiter atrum

v. 4 - desinat in piscem **mulier** formosa superne, ...

IA1(PB) - (...) de sorte que a figura, de **mulher formosa** em cima, acabasse num hediondo peixe preto (...)

IA2(PE) - (...) de forma a que terminasse em torpe e negro peixe a **mulher de bela face**

03. SUBST. ESTILO/LEVEZA

IF - v. 26 - 27 - ... brevis esse laboro,

obscurus fio; sectantem **levia** nervi

deficiunt animique;

IA1(PB) - (...) este busca a **leveza** Ø e faltam-lhe menos fôlego(...)

IA2(PE) - (...) a quem procura o **estilo polido**

04. SUBST. NARIZ

IF - v. 36 - non magis esse valim quam **naso** vivere pravo ...

IA1(PB) - (...) preferiria viver com **nariz torto** (...)

IA2(PE) - (...) do mesmo modo que não me agradaria possuir **horrível nariz**

05. SUBST. COTURNOS

IF - v. 80 - ...Hunc socci cepere pedem grandesque **coturni**,

IA1(PB) - (...) adaptaram-no os socos e os **grandes coturnos**.

IA2(PE) - (...) perfilharam-no os socos e os **imponentes coturnos**.

06. SUBST. MASCATE/MERCADOR

IF - v. 115 - 117

... matusne senex an adhuc florente iuventa

fervidus, et matrona potens an sedula nutrix,

mercatorne vagus cultorne virentis agelli,

IA1(PB) - (...) um **mascate viajado** ou o cultivador duma fazendola.

IA2(PE) - (...) **mercador errante** ou lavrador de viçosa

07. SUBST. VELHO

IF - v. 115 - 117- ...matusne **senex** an adhuc florente iuventa

fervidus, et matrona potens an sedula nutrix,

mercatorne vagus cultorne virentis agelli,

IA1(PB) - (...) importará se fala um deus ou herói, um **velho amadurecido**(...)

IA2(PE) - (...) se quem fala é deus ou é herói, **velho sisudo**(...).

08. SUBST. HOMEM/MOÇO

IF - v. 115 - 117- ... matusne senex an adhuc florente **iuventa**

fervidus, et matrona potens an sedula nutrix,

mercatorne vagus cultorne virentis agelli,

IA1(PB) - (...) importará se fala um deus ou um herói, (...) ou um **moço ardente**

IA2(PE) - (...) se quem fala é deus ou é herói, (...) ou **homem fioso**

09. SUBST. INTÉRPRETE/TRADUTOR

IF - v. 133, 134 - ... nec verbo verbum curabis reddere fidus

interpres nec desilies imitator in artum,

IA1(PB) - (...) **tradutor escrupuloso**, se empenha numa reprodução literal (...)

IA2(PE) - (...) como **servil intérprete**, traduzir palavra por palavra (...).

10. SUBST. RATO/CAMUNDONGO

IF - v. 139 - Parturient montes, nascetur ridiculus **mus**

IA1(PB) - (...) nascerá um **ridículo camundongo**.

IA2(PE) - (...) Os montes parirão e nascerá um **pequenino rato**.

QUADRO 02 - Correlação entre os adjetivos de IA1 e IA2

SUBSTANTIVO IF	IA1 (PB)	IA2 (PE)	VALOR SEMÂNTICO
1. Peixe	Torpe e negro (ADJ+ADJ)	Hediondo (ADJ)	€
2. Mulher	De bela face (SP)	Formosa (ADJ)	≡
3. Estilo/leveza	Δ	Polido (ADJ)	
4. Nariz	Torto (ADJ)	Horrível (ADJ)	≡
5. Coturnos	Imponentes (ADJ)	Grandes (ADJ)	≡
6. Mercador/mascate	Viajado (PART)	Errante (ADJ)	€
7. Velho	Amadurecido (ADJ)	Sisudo (ADJ)	€
8. Homem/moço	Ardente (ADJ)	Fioso (ADJ)	≡
9. Intérprete/tradutor	Escrupuloso (ADJ)	Servil (ADJ)	€
10. Rato/camundongo	Ridículo (ADJ)	Pequenino (ADJ)	€

Como se pode observar no Quadro 02, a escolha dos adjetivos nos IAs apresentam diferenças de sentido que, seguramente, comprometem o teor do texto original. Além disso, os substantivos que sofrem modificação não apresentam simetria semântica como se observa nos pares homem/moço, mercador/mascate, e intérprete/tradutor.

Um outro aspecto a observar é o fato de que a tradução para o IA2 apresenta, diferentemente do adjetivo no IF, sentidos fortemente marcados, como pode ser observado no quadro 03 abaixo:

Quadro 03 - Valor semântico dos adjetivos no IF

1 - PEIXE

... ut turpiter atrum (...) in piscem

turpiter - advérbio: de modo frio, disforme (Hor. Ars poética, 3)

turpies, e - adj = de modo frio, disforme / fg. = torpe, vergonhoso

ater, atra, atrum - adj

sentido próprio - negro, preto, escuro

sentido figurado - obscuro, tenebroso, sombrio, horrível

2 - MULHER

mulier formosa

formosus, -a, -um - adj: bem feito, bem proporcionado, de formas elegantes,

formoso

3 - ESTILO/LEVEZA

(...) **sectantem levia deficiunt nervi animique**

nervus - nervo, força; energia, vigor (tratando-se de estilo)

animus - espírito, alma, vontade, desejo, ânimo

4 - NARIZ

naso vivere pravo

pravus, -a, -um = adj = torto, disforme, malfeito / fig. - defeituoso, vicioso

5 - COTURNOS

grandesque coturni

grandis, -e adj = grande, de grandes proporções; considerável

fig - pomposo, imponente, sublime (estilo)

6 - MERCADOR/MASCATE

mercatorne vagus

vagus, -a, -um = adj errante, que vai ao acaso
fig: indeciso, incerto, inconstante

7 - VELHO

maturusne senex

maturus, -a, -um = adj maduro, que faz amadurecer
fig: oportuno; velho; idoso, maduro

8 - HOMEM/MOÇO

iuventa fervidus

fervidus, -a, -um - adj - quente, ardente
fig; vivo, feroso, violento, impetuoso

9 - INTÉRPRETE/TRADUTOR

fidus interpres

fidus, -a., -um - adj - em que se pode crer, digno de fé, leal sincero

10 - RATO/CAMUNDONGO

ridiculus mus

ridiculus, -a, -um adj - risível, que faz rir, gracioso, jocoso
sent. pejorativo: ridículo, obscuro, extravagante

No caso do adjetivo *ridiculus*, a indicação do verbete privilegia a tradução para o IA1, pois não há nenhuma remissiva, quer conotada, quer denotada, a *pequenino*. Assim, parece evidente que o tradutor, no IA2, priorizou, possivelmente, alguma referência sociocultural para elegê-lo como forma equivalente no PE

Por outro lado, o tradutor para o IA1, no caso da escolha do adjetivo *bediondo*, não considerou o valor adverbial de *turpiter* no verso 3 de *Ars Poetica*.

Como se depreende do Quadro acima, a caracterização de expressões lingüísticas é ainda muito vaga nos dicionários latinos. Por esta razão, um estudo das entradas em um dicionário de latim poderia especificar a relação semântica entre o adjetivo modificador e o substantivo que se quer modificar. Além disso, poder-se-ia pensar em maneiras de se codificar informações contextualizadas, quer de cunho histórico ou próprias do IA, para que o tradutor pudesse obter uma diversidade maior de possibilidades tradutoras em determinadas unidades léxicas

É nesse sentido que uma abordagem lexicográfica pode auxiliar no ato tradutório, ou seja, pode oferecer ao tradutor análises detalhadas das unidades léxicas e suas possíveis combinações na obra de determinado autor. Sob este

ponto de vista, um dicionário não seria um simples conjunto de definições de palavras, mas antes uma fonte de referência de possibilidades combinatórias para os tradutores.

3. Análise dos dados

A questão que norteou este estudo está relacionada ao reconhecimento de que a Poética Comparada deve procurar dialogar com outras disciplinas a fim de auxiliar os tradutores sobre as possibilidades de sentido das unidades léxicas do idioma que traduzem, o latim. Para verificar se os tradutores de IA1 e IA2 possuem ou não consciência desses aspectos, elegemos a classe dos adjetivos para a comparação e procuramos verificar se, ao traduzirem os versos de Horácio, os tradutores aproximam-se mais dos padrões do IF.

Com relação à análise de dados, verificamos que diferenças foram encontradas na caracterização dos 10 modificadores estudados. A comparação dos dados do IF, do IA1(PB) e do IA2(PE) apontou que a tradução dos adjetivos para o IA1 priorizou sempre o sentido denotado dos adjetivos, e para o IA2(PE) o sentido conotado.

Com relação aos fatores culturais envolvidos nas traduções, identificamos a tentativa de manter o verso no original como sendo fator decisório para a escolha dos adjetivos em seu sentido conotado, isto é, no caso de IA2. A percepção dos tradutores e sua compreensão das situações deste estudo apontou para diferenças culturais existentes no ato tradutório e sua influência na divulgação da poética de Horácio.

Um outro aspecto que pode estar corroborando é o fato de que, para a realização do ato tradutório, é necessário um certo nível de competência no IF para que o tradutor disponha dos recursos necessários para transferir estratégias de seu IA. Neste estudo, em que os tradutores de IA1 e IA2 são estudiosos do latim e têm, portanto, competência lingüística comprovada, a transferência de fatores pragmáticos ou históricos poderia estar determinando as escolhas entre os possíveis sentidos dicionarizados; nos dois casos, ainda distantes do desejado.

Duas possibilidades podem ser levantadas: falta a esses tradutores conhecimento dos estudos históricos que regem o IF, o que seria improvável, ou há um problema de percepção entre o caráter universal dos versos em questão.

Essas considerações são importantes porque, no ato tradutório, problemas gramaticais, que não é o caso, são mais facilmente reconhecidos por leitores e podem ser atribuídos à baixa competência lingüística do tradutor. Considerando que no caso do latim não há a possibilidade de se ter um tradutor nativo, um tradutor aprendiz que cometa erros desse tipo pode ser interpretado simplesmente pelo fato de ser não-nativo e de não dominar bem as regras do IF. Erros pragmáticos ou de dados históricos, ao contrário, não são tão facilmente

reconhecidos e por isso correm o risco de serem interpretados equivocadamente pelo leitor de Horácio.

Sabe-se que o estudo das normas discursivas em um IF como o latim não é tarefa fácil e implica aprendizagem de rotinas distantes da possibilidade de resgate mnemônico do leitor; no entanto, é tarefa precípua do tradutor contextualizar, minimamente, o caráter universal e conseqüentemente histórico em que a obra foi produzida.

4. Considerações finais

Estudar as traduções comparativamente procurando compreender os fenômenos lingüísticos é penetrar num espaço individual e, ao mesmo tempo, coletivo, que acaba gerando inúmeras indagações. Identificar aspectos culturais e lingüísticos que influenciam na tradução do latim pode parecer, em princípio, apenas mais uma das tantas tarefas que nós, apaixonados pela língua latina, devemos enfrentar ao longo de nossa atividade docente.

No entanto, a realização deste trabalho acabou por resgatar um aspecto nem sempre lembrado em estudos de Poética Comparada: a revelação da identidade. Identidade relacionada à forma como o poeta se expressa, que explica e justifica porque ele expressa da forma como se expressa, porque nós, leitores, interagimos com seu poema da forma como interagimos. Identidade que define e mostra para o mundo quem ele é, de onde vem e para que tipo de interpretação o seu poema conduz. Identidade que é dele, porque o diferencia dos demais poetas; e identidade que é nossa, porque, ao interagirmos com o seu poema, nos caracteriza como um tipo de sociedade.

Estudar aspectos de identidade na interação poeta-leitor num IF para IAs é, antes de tudo, desvendar as crenças, as atitudes e a postura desse poeta frente à sua língua. A opção em continuar desenvolvendo pesquisa nesta área parece-nos, agora, o caminho natural para pesquisas em Poética Comparada. Cremos que a pesquisa que associar tratamentos lexicográficos e culturais terá grande contribuição para as pesquisas nesta área.

Em síntese, neste pequeno percurso, procuramos evidenciar que os estudos de Literatura Comparada necessitam considerar o tratamento das unidades léxicas. As traduções podem ser comparativamente tratadas a partir da análise qualitativa, como foi a nossa. O próximo passo, poderá ser a análise quantitativa dos adjetivos modificadores de substantivos nas duas traduções.

Somando, agora, a figura do pesquisador com o papel de professor, pensamos que é somente através de uma prática sistemática em atentar para aspectos lingüísticos do IF em sala de aula, combinada com uma explicitação das diferenças interculturais dos tradutores dos IAs, que o futuro tradutor irá aproximar-se das normas socioculturais da língua que estuda. Futuras pesquisas na

área poderão, assim, focar a realização de um trabalho sistemático das unidades léxicas, o qual poderá resultar em um glossário, como suporte para as traduções.

Notas

1 Questionando-se por propor o que ele chama de banalidades, Etiemble retoma dois posicionamentos que, de certa maneira, corroboram o seu. Em primeiro lugar, o de René Wellek e Austin Warren, em Teoria da Literatura, ao afirmarem que o estudo de literatura comparada, além de exigir muito dos estudiosos em termos de competência lingüística, exige que sejam estendidas as suas perspectivas e que sejam suprimidos os sentimentos de localismo e provincialismo. Em segundo lugar, o de L. A. Willoughby que, no que diz respeito ao comparativismo inglês, afirma não estarem fazendo os especialistas em literatura comparada nada mais que estudos marginais, não estarem cuidando a não ser de problemas periféricos relativos às fontes, aos temas, à difusão, ao valor, às manifestações sociológicas da literatura, estudos esses que, embora nos permitam conhecer "les échanges spirituels au cours des derniers siècles" (WILLOUGHBY apud ETIEMBLE, 1963, p. 113), mostram o quanto esses métodos são limitados.

2 Nesse sentido, existem, para ele, quatro obstáculos que devem ser vencidos. O primeiro, é a literatura comparada deixar de lado sua tradição historicista e, também, seu caráter de disciplina auxiliar da história literária; o segundo, trocar-se os *rappports de fait* pelos *rappports de valeurs*; o terceiro, deixar de ser simplesmente uma disciplina acadêmica e organizar-se enquanto objeto de estudo; o quarto, trocar o conceito de generalização da obra literária pelo conceito de originalidade. Esses quatro itens citados refletem a controvérsia fundamental da literatura comparada, isto é, de um lado tem-se o primado do "fato", de outro, o do "texto" ou da "obra" literária, que, do ponto de vista de Marino, é a essência da crise do comparativismo, o qual deve escolher como se redefinir. A literatura comparada é uma disciplina histórica ou estético-histórica? Acadêmica, historicista, positivista ou formalista e poética? Extensiva ou intensiva?

3 Em função dessas mudanças radicais, os comparativistas, segundo Marino, passam a adotar, em geral, três posições: 1) a tradicional, isto é, recusam-se a associar o comparativismo com a crítica e a história literária; 2) a de continuar vendo a literatura comparada como uma disciplina "mediadora", auxiliar da história e da crítica literária - quando não de vê-la como uma superdisciplina que controla outras duas subdisciplinas: a estética e a cultural-histórica; 3) aquela que desfruta de uma prestigiada tradição crítica e filosófica ao retomar as posições dos irmãos Schlegel e de Coleridge, os quais afirmavam ser impossível fazer-se história literária sem recorrer às comparações estrangeiras e ser impossível uma crítica literária sem teoria e sem princípios.

4 A epístola, como gênero, desde a antigüidade, cobre toda uma série de formulações, desde a familiar até a elevada. É inovadora e múltipla, ganhando uma especialização estilística que predomina até o século XVIII. O itinerário da poesia epistolar, iniciada em Horácio, passa pelo Renascimento (Marot, Garcilaso de la Veja, Sá de Miranda, John Donne) e alcança diferentes autores em diversas literaturas. Uma investigação

comparatista facilita a recomposição desse trajeto e nos ensina sobre a história desse gênero a partir da tradição horaciana.

5 É importante registrar que esta é uma definição superficial da categoria ADJ no âmbito dos estudos lexicográficos; no entanto, não consideraremos outros aspectos que atuam na definição desta categoria gramatical, tais como os padrões formais ou funcionais. O único aspecto a ser considerado aqui é o semântico. Para uma abordagem mais detalhada sobre os tipos de adjetivos, ver COLOMER (1997).

Bibliografia

- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: DIFEL, 1964.
- ARS POETICA. v. 22, n. 3. Université Laval. Québec, Canada, Hiver, 1989-1990.
- BRUNA, Jaime. *A Poética Clássica / Aristóteles, Horácio, Longíno*; tradução. São Paulo: Cultrix: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1981
- CARVALHAL, Tânia. Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar. Rev. Bras. Lit. Comp. V.1, ABRALIC, 1991.
- COLOMER, Roser Saurí. "Tractament lexicogràfic dels adjectius: Aspectes a considerar". Barcelona: Universitat Pompeu Fabra: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1997.
- ÉTIEMBLE, René. *Comparaison n'est pas raison*. Paris: Gallimard, 1963.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 6 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1988.
- FERNANDES, R.M. Horácio. *Arte Poética*. Introdução, tradução e comentário. Lisboa: Editorial Inquérito, 1984.
- KOEHLER, Pe. H. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: Globo, 1959.
- MARINO, Adrian. *Comparatisme et théorie de la littérature*. Paris: PUF, 1988.
- MINER, E. "Études comparées interculturelles". In: KUSHNER, E. et alii. *Théorie littéraire. Théories de la littérature*. Paris: PUF, 1989.
- MINER, E. *Literary uses of typology from the late middle ages to the present*. Princeton, 1977